

# A memória e a construção da identidade negra no romance *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida

## The memory and the construction of black identity in the novel *That Hair*, by Djaimilia Pereira de Almeida

Rute Lages Gonçalves<sup>1</sup>  
Algemira de Macedo Mendes<sup>2</sup>

---

RESUMO: O artigo busca analisar, no romance *Esse cabelo* de Djaimilia Pereira de Almeida, o papel da memória para a construção da identidade da personagem Mila, a fim de entender a importância das lembranças da infância na sua autoimagem como mulher negra.

ABSTRACT: This article analyses, in the novel *That hair*, by Djaimilia Pereira de Almeida, the role of memory on the construction of the identity of the character Mila's, aiming to understand the importance of childhood memories on her self-image as a black woman.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Identidade; Raízes.

KEYWORDS: Memory; Identity, Roots.

---

1 Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do estado de Mato Grosso com pesquisa financiada pela CAPES.

2 Doutora em Letras pela PUC/RS e professora associada da Universidade Estadual do Piauí (IV UESPI) Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/ CNPQ)



---

## Introdução

O romance *Esse cabelo* (2015) é de autoria de Djaimilia Pereira de Almeida (1982), escritora luso-angolana que atualmente vive em Lisboa. Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa, foi premiada por suas obras literárias, inclusive como terceira colocada em um dos concursos de maior destaque: o *Ensaísmos* da editora Serrote, com seu ensaio intitulado *Saudades de casa*. Djaimilia também conquistou, na categoria Literatura, o prêmio *Novos* em 2016. Foi finalista em muitos concursos que dão visibilidade à arte, tornando-se aclamada pela crítica. Publicou em várias revistas, como *Revista Pessoa*, *Revista Zum*, *Words Without Borders*, *Common Knowledge*, *Granta Portugal*, *Ler*, *Quatro Cinco Um*, entre outras. *Esse cabelo* é uma das suas obras mais conhecidas, possuindo repercussão internacional.

O romance narra, em primeira pessoa, a história da personagem Mila e o relacionamento conflituoso com seu cabelo crespo, fazendo um traçado temporal desde a infância em Angola até sua vivência em Portugal, país onde passa a maior parte de sua vida: “a verdade é que a história do meu cabelo crespo cruza a história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indireta da relação entre vários continentes: uma geopolítica” (ALMEIDA, 2015, p. 6).

Trata-se de uma obra rica em temáticas contemporâneas e polêmicas, como o racismo, o feminismo e a situação do sujeito afrodescendente no pós-colonialismo, além da crucial problemática que desemboca no cerne do romance: a autoimagem do negro e a condição psicológica proveniente de relações raciais conflituosas com a sociedade assimilada por ele.

Pelas abordagens pertinentes e atuais, a obra se enquadra como uma das produções literárias que dá visibilidade à autora como prodígio da escrita contemporânea pós-colonial. As questões culturais, identitárias e diaspóricas da população

---

negra são a força representativa do enredo, que possibilita ao leitor percorrer pelas linhas históricas do trânsito africano entre Angola e Portugal.

## A configuração social do romance

A literatura tem em sua essência as impressões digitais do lugar em que está contextualizada. A sociedade e as relações ocorridas nela influenciam a obra de arte e, por conseguinte, a obra de arte influencia o mundo. Os romances escritos veiculam, em seu corpo estético, ideologias, ideias, denúncias e, também, um clamor pela renovação da arte, discutindo variadas perspectivas sociais. Expressam caráter de resistência, ou seja, atuam no espaço a que pertencem, sobre e através da situação em que foram originados. Em tom de denúncia e protesto contra os regimes impostos e as desigualdades, o texto se posiciona, não é inerte ou passivo ao que acontece à sua volta.

Para o estudioso Georg Lukács, o romance é uma resposta e produto da relação entre homem e sociedade:

Pois o homem não se acha solitário, como único portador da substancialidade em meio a figurações reflexivas: suas relações com as demais figurações e as estruturas que daí resultam são, por assim dizer, substâncias como ele próprio ou mais verdadeiramente, plenas de substâncias, porque, mais universais, mais filosóficas, mais próximas e apresentadas à pátria original: amor, família, estado (LUKÁCS, 2009, p. 29).

Segundo o teórico, o homem não está só, por isso os discursos que produz não são puramente individuais, mas produtos das reflexões subjetivas do indivíduo influenciadas pelo meio. Concebidas nesse lócus social, são as respostas dele mesmo expressas no texto literário, daí o caráter social do romance, que carrega marcas subjetivas e sociais do indivíduo. Tais marcas, impressas em suas produções literárias, refletem suas insatisfações, angústias e anseios.



Como explicita o teórico Homi Bhabha, “viver no mundo estranho, encontrar suas ambivalências e ambiguidades encenadas na casa da ficção, ou encontrar sua separação e divisão representadas na obra de arte, é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social” (BHABHA, 2013, p. 38). Esse anseio de solidariedade social, motivado pela reflexão sobre a realidade, configura o que o crítico descreve como a necessidade de criar o espaço além, que não é mais o passado, mas um futuro no qual essas diferenças possam coexistir sem discriminação, sendo respeitadas e sem prejuízos para os grupos multiculturais.

## Os efeitos do racismo sobre a autoimagem do sujeito negro

Atualmente, os debates sobre racismo têm sido cada vez mais frequentes, pela proporção e caos gigantesco que esse problema causa na sociedade e, principalmente, pelo nível elevado de prejuízos para o indivíduo que o sofre. O impacto negativo que esse dilema provoca na vida do negro vai para além da esfera social, já que influencia negativamente na forma de o sujeito relacionar-se consigo mesmo.

Frantz Fanon proporciona uma reflexão entre racismo e cultura que auxilia o entendimento das discussões étnico-raciais nas sociedades pós-coloniais, contexto em que vive a personagem Mila.

Este racismo que se pretende racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, transforma-se em racismo cultural. O objeto do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir. Os “valores ocidentais” reúnem-se singularmente ao já célebre apelo à luta da “cruz contra o crescente” (FANON, 2018, p. 79).

Fanon defende que o racismo se configura como cultural, pois não só discrimina aspectos ou indivíduos isolados, mas grupos étnicos inteiros, partindo das suas características físicas, tradições, costumes, linguagens e a forma como esses grupos existem no mundo.

---

O impacto do racismo institucionalizado pelo regime colonial perpetuou-se por todas as sociedades que enfrentaram esse processo. Os resquícios da escravidão continuam presentes dentro da sociedade e dentro dos indivíduos que internalizaram esse tipo de opressão.

No romance *Esse cabelo*, são retratados os traumas de infância que a personagem Mila leva para a vida adulta, os quais também são perpassados pelo dilema com a sua aparência. As experiências negativas com o racismo a fazem questionar sua real identidade diante do espelho: “em tempos me disseram que sou uma mulata das pedras, de mau cabelo e segunda categoria. Esta expressão ofusca-me sempre com a reminiscência visual de rochas da praia: rochas lodosas em que se escorrega e é difícil andar descalço” (ALMEIDA, 2015, p.15).

Neste trecho da narrativa é perceptível que o discurso estereotipado que Mila ouve a seu respeito distorce a forma como ela se percebe, e prejudica o conceito que ela tem de si mesma. Esse é um dos produtos mais cruéis do racismo, o deslocamento do sujeito para um lugar de questionamento de sua identidade. Sempre visto e classificado pelo olhar do outro e nunca definido pela sua própria voz.

Uma das marcas que sobressaem na obra é a importância da voz da personagem, que conta a sua história pelo seu próprio ponto de vista e percepção, trazendo para dentro da tessitura do texto literário não a impressão de outrem sobre ela, mas a sua experiência e vivência como sujeito diaspórico inserido no contexto pós-colonial, e discutindo dessa forma o viés da miscigenação e negritude.

Grada Kilomba, em *Memórias da plantação* (2019), expõe que “no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter” (KILOMBA, 2019, p.35). Ao ser definido pelo discurso negativo do outro, que é o discurso hegemônico e dominante, automaticamente são apagadas as verdades essenciais de sua existência. O indivíduo é destituído de sua cultura e assimila a visão construída pelo outro.



Essa assimilação da visão do outro é classificada por Fanon como trauma. Decorrente da sensação de não pertencimento, vácuo, deslocamento, constitui-se como problemática que altera não apenas a essência do negro, sua própria subjetividade, como também a maneira como este se enxerga nesse processo identitário. Isso demonstra o quanto a imagem distorcida, projetada pelo ideário branco, é prejudicial ao sujeito negro.

Não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas sim o imaginário branco. Tais fantasias são os aspectos negados do eu branco reprojatados em nós como se fossem retratos autoritários de nós mesmas(o)s (KILOMBA, p. 38).

Kilomba expõe o drama psicológico vivido pelo negro, e o quanto o racismo é disseminado de maneira sistemática, formando uma cadeia para além do material. As inverdades, premissas e estereótipos criados sobre o sujeito negro tornam-se estigmas cravados na sociedade. Para serem desconstruídos, é necessário um processo longo e cauteloso, a fim de sanar os prejuízos de mais de quatrocentos anos de sofrimento da população afro no globo.

O modo de os outros tratarem o meu cabelo simbolizou sempre a confusão doméstica entre o afecto e o preconceito, o que vem desculpando a minha falta de jeito para cuidar dele. Trato-o como faria uma angolana mais que falsa ou uma portuguesinha, pensarão os da casa. Vivo as saudades de São Gens, todavia, enquanto saudades não da pessoa que nunca poderia ter sido, mas de uma caricatura (ALMEIDA, 2015, p. 21).

Depreende-se, pelo discurso de Mila, a existência de conflitos pessoais causados pelo racismo. Esses conflitos, de certa forma, contribuem para a tomada de decisão da personagem em se reencontrar, em não aceitar o entre lugar em que está inserida. A busca de uma definição de quem ela realmente é soluciona o drama interior vivido pela protagonista.

---

## A evocação das memórias para fortalecimento da identidade de Mila

Michael Pollak discorre sobre a configuração dos elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva, e os organiza em acontecimentos vividos pessoalmente ou em grupos, relacionando esse fenômeno de rememoração como aspectos constituintes e relevantes para a identidade de todo sujeito:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros, é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1989, p. 5).

O conceito de identidades fragmentadas, utilizado por Stuart Hall (2005) para descrever o sujeito da pós-modernidade, permite compreender como a hibridização de culturas atua sobre a construção da identidade dos sujeitos, resultando por vezes na supressão e apagamento de algumas identidades em detrimento de outras. Geralmente, a que tem mais poder de dominação acaba suprimindo as subalternas e marginalizadas. Segundo Hall, esse fenômeno resulta no surgimento de identidades muitas vezes contraditórias ou não resolvidas, tal como o posicionamento comportamental de Mila, que, não conseguindo localizar-se dentro da cultura branca, demonstra insatisfação em tentar assimilar o padrão físico da branquitude.

Ao se perceber nesse entre lugar, ela faz apelo às memórias como conforto e busca de respostas aos questionamentos sobre quem ela realmente é. As lembranças que Mila recobra da sua vida em Angola lhe dão força e a sensação de pertencimento, contribuindo para a recuperação de sua identidade. Entretanto, o entrelaçamento



de relações, as experiências raciais diversas e as mudanças culturais presenciadas, retomadas por meio da rememoração, também fazem com que ela se sinta deslocada e invisível em sua vida adulta.

Por vezes, a personagem evoca fatos marcantes de seu relacionamento familiar, sobretudo com a mãe. Desse modo, a obra ressalta várias características do povo angolano, tais como dialetos, expressões e costumes próprios de sua cultura.

Aprendi bem pequena a dizer “Tata Nzambi”, “ai meu Deus” em Lengala, uma interjeição repetida pela minha mãe (...) Foi também com ela que aprendi a amarrar lenços à cabeça, como fiz aos oito anos, num dia em que me mascarei de Africana para uma festa da escola. Que prodígio de oportunidade uma pessoa mascarar-se do que é, distanciando-se e duplicando-se (ALMEIDA, 2015, p. 53).

Apesar de sua mudança para Lisboa, deixando a terra de origem, ela ainda recobra e valoriza a pluralidade linguística angolana. Uma de suas memórias mais fortes, a linguagem e as tradições de Angola lhe trazem à consciência a sensação de completude em tenra idade, assim como o relacionamento com sua mãe fortalece o entendimento da necessidade de valorizar sua africanidade.

O entre lugar, denominado por Bhabha, é um espaço de deslocamento e indecisão. No romance, a personagem Mila se encontra nesse lugar ambíguo, de ausência, mas essa ausência também é lugar de reflexão, que parte de sua essência pertencente a seu lócus de origem. Isso, de alguma forma, expressa o questionamento feito pela personagem ao longo de toda a narrativa. “Onde deixei a Mila, pergunto-me, como se procurasse as chaves de casa” (ALMEIDA, p. 126).

Mila entende que existe um vazio existencial causado pelo afastamento de sua origem africana em Angola, e que esse vazio provoca uma incompletude no seu íntimo, mas que pode ser restituída pelo reencontro com sua origem e apaziguamento do seu presente com o passado. Desse modo, são recorrentes na narrativa as rememorações pela personagem de acontecimentos de sua infância.

---

Ao evocar lembranças de histórias sobre ela, contadas por outros, Mila retira do quadro da memória sua imagem ainda bebê, descrita por testemunhos alheios. Ela toma esses relatos como verdade. Invocamos mais uma vez Pollak, ao declarar que as memórias podem ser herdadas, ou seja, ainda que não tenham sido presenciadas, mas sim contadas pelo grupo, podem ser tomadas como herança pelo ouvinte, fazendo desses testemunhos parte de sua biografia.

As rememorações de Mila levam-na ao encontro da sua ancestralidade, lugar de força e significância memorialística, para restituição do passado, que se faz necessária mediante os processos hostis de preconceito e discriminação racial sofridos pela personagem. Maurice Halbwachs atribui caráter coletivo para as memórias, defendendo que devem ser sobretudo compreendidas como um processo grupal, e dando relevância ao que é presenciado na infância:

Assim [...] a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais, através dos quais entra em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as lembranças mais pessoais. É esse o passado vivido, bem mais do que o passado aprendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória (HALBWACHS, 2013, p.71).

Para Halbwachs, na fase da infância são gravadas as memórias mais pessoais e relevantes para o sujeito, as quais ele poderá sempre buscar a fim de fortalecer seu reencontro com sua essência identitária e a formação de sua personalidade, os traços de seu comportamento, valores e pertencimento cultural.

A família a quem devo este cabelo descreveu o caminho entre Portugal e Angola em navios e aviões, ao longo de quatro gerações, com um à-vontade de passageiro frequente que, todavia, não sobreviveu em mim e contrasta com o meu pavor de viagens que, por um apego à vida que nunca me assoma em terra firme, temo sempre serem as últimas. Segundo se diz, desembarquei em Portugal particularmente despenteada aos três anos, agarrada a um pacote de bolacha Maria. Trazia vestida uma camisola de lã amarela hoje reconhecível numa fotografia de passaporte em que impera um sorriso rasgado, pró-



prio daquele desentendimento feliz quanto ao significado de se ser fotografado. Ria-me à toa; ou talvez incitada por um motivo cômico por um dos meus adultos, que reencontro bronzeados e barbudos em fotografias de recém-nascida nas quais surjo sobre lençóis, numa cama. (ALMEIDA, 2015, p.7)

No romance, quando a personagem Mila narra suas memórias individuais e coletivas, é perceptível a força desse discurso memorialístico para a construção gradativa de sua identidade negra. Esse fenômeno também denota o caráter representativo da linguagem, bem como ela pode vir carregada de significado. Terry Eagleton corrobora esta ideia, quando diz que: “qualquer linguagem em uso consiste em uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação etc., os quais de forma alguma podem ser simplesmente unificados em uma única comunidade linguística homogênea” (EAGLETON, 1994, p. 19).

Segundo Eagleton, o discurso não pode ser homogêneo e nem afastado de quem o fala, ou seja, ele é influenciado pela origem, classe, raça, etnia. É, portanto, provido de identidade. Daí, percebe-se o quanto as lembranças e a fala da personagem Mila contribuem para o fortalecimento de sua consciência racial, pois há um modo peculiar na abordagem linguística que ela faz de suas origens.

## Considerações finais

A partir das reflexões teóricas acerca da importância da memória aplicada à narrativa literária, compreende-se que o papel das reminiscências, configurado pela recuperação das informações sobre a infância feita pela personagem Mila em *Esse cabelo*, torna-se indispensável para que ela consiga restaurar sua sensação de pertencimento e negritude. Nesse sentido, a leitura analítica do discurso, tecido por meio da narração em primeira pessoa pela protagonista ao longo do romance, possibilitou perceber a relevância dessas evocações para a construção de sua identidade.

---

Esse processo, tanto de configuração coletiva como individual, foi importantíssimo, tendo em vista que a colonização e a assimilação da cultura branca tem a finalidade de apagar a real identidade do sujeito negro, extinguindo o contato com a ancestralidade. Sendo assim, o reconhecimento da ancestralidade é o mote principal para que o indivíduo estabeleça elos com sua cultura e, sobretudo, com seu próprio corpo, e se afirme negro.

Tinha o cabelo curto e via-me em casa no dia em que acordei com saudades de mim, mas saudades do que nunca fora, de duas ou três ruas de Luanda, de um estereótipo: saudades, meu Deus, de uma caricatura da pessoa que eu poderia ter sido, um exotismo. Acerca dessa Mila que não existe, a pessoa que vim a tornar-me tem uma imaginação vedada por uma ignorância exasperante a respeito de África. De onde estou, essas saudades não poderiam ser colmatadas com nenhum regresso. Aonde iria eu? Procurar-me onde? Não foi apenas a circunstância desta mudança de casa o que, reaproximando-me dos subúrbios da minha infância portuguesa, me trouxe, ironicamente, saudades de Angola (ALMEIDA, 2015, p. 37).

As reminiscências de Mila fazem-na desejar o reencontro com sua ascendência angolana. Ao sentir saudades de si mesma na infância, ela percebe que existe um passado ao qual pertence, um passado que a completa, que lhe restitui a identidade que fora fragmentada pelos múltiplos processos de assimilação da cultura e do estilo de vida dominante branco. As memórias levam a personagem a ansiar pelo reencontro com seus antepassados, permitindo uma nova mudança refletida em sua postura, que se torna diferente diante dos dilemas existenciais e sociais que ela reelabora, como mulher e negra.

Não foi a história que nos separou: foi ser uma pessoa. Nunca virei a ser a senhora africana daquele dia, mas serei um dia uma senhora africana. Vêm-me à memória os momentos passageiros em que aprendi alguma coisa de importante vendo as mulheres da minha vida vestirem-se e maquilharem-se, ou observando os seus objectos pessoais (*Ibidem*, p. 53).



A imagem das mulheres africanas de sua família – e, com elas, as tradições, os costumes e os objetos – está viva nas lembranças de Mila, e vêm reforçar a certeza de quem ela deseja tornar-se e, ainda mais importante, a certeza de quem ela deve ser. Mila percebe que não pode separar-se deles, são aprendizados que estão gravados e que, de certa forma, lhe dão a garantia de uma essência pessoal que não pode ser perdida com o tempo, nem mesmo com as mudanças sociais e adaptações culturais pela diáspora vivida por ela e por muitas de suas irmãs africanas.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Esse cabelo*. Alfragide: Teorema, 2015.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltenir Dutra. 2ª ed. São Paulo: 1994.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. "Racismo e Cultura". In: *Revista Convergência Crítica*, n. 13, 2018.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- POLLAK, Michael. *Estudos Históricos*. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.